

O olho do mal: a crença do mau-olhado no imaginário social da cidade de Imperatriz (MA)

Francisco Chagas Vieira Lima Júnior*

Resumo: O presente artigo aborda a crença do “mau-olhado” no imaginário social da cidade de Imperatriz-MA, buscando caracterizar esse fenômeno de acordo com o material teórico e fontes especializadas sobre o assunto, para que assim possamos conhecer os principais aspectos históricos e conceituais dessa crença. Além disso, apresenta uma pesquisa de campo, realizada através entrevista oral, obtida mediante gravação em áudio de narrativas, com o fim de obter dados primários sobre a mística do olhar entre diversos indivíduos das mais diversas partes da cidade de Imperatriz-MA.

Palavras-chave: Mau-olhado. Crença. Fascinação. Imaginário. Oralidade.

Abstract: The present article discusses the belief in “evil eye” in the social imaginary of the city of Imperatriz-MA, seeking to describe this phenomenon according to the theoretical material and specialized sources on the subject, so that we can know the main historical and conceptual this belief. It also, presents a field survey, conducted via oral interview, obtained by recording audio narratives in order to obtain primary data on the mystique of the gaze between individuals from different parts of the city of Imperatriz-MA.

Key words: Evil eye. Belief. Fascination. Imaginary. Orality.



* FRANCISCO CHAGAS VIEIRA LIMA JÚNIOR é Pós-graduando em Metodologia do Ensino na Educação Superior pela Faculdade Internacional de Curitiba – FACINTER.

1. Introdução

O imaginário consiste no conjunto das imagens e relações de imagens que permeiam o campo das representações mentais coletivas sobre a realidade. Tais relações de imagens projetadas sobre o mundo real constituem as forças criadoras do elemento mítico e maravilhoso no seio das sociedades, sendo que não ocorrem de modo meramente reprodutor, mas de uma forma criadora e poética, fomentando assim novas relações sociais e culturais.

Desse modo, o imaginário representado pela crença do mau-olhado sinaliza o modo como os indivíduos percebem o mundo sobrenatural por trás das emoções e humores das pessoas e, principalmente, do fascínio e medo exercidos pelo olhar.

Desde os primórdios, o ser humano começou a associar partes do corpo a certos poderes sobrenaturais. Entre todas as associações possíveis, o olho é um dos órgãos que mais atraiu a imaginação humana e que mais fomentou a criação de superstições e crenças populares relacionadas ao corpo humano.

Porém, na sociedade moderna, a crença nos poderes do olhar é considerada uma espécie de superstição fútil, própria de lugares atrasados e de gente inculta. No entanto, é a permanência da crença do mau-olhado que constitui seu aspecto mais primoroso e onde reside sua principal importância, fazendo dessa crença uma “reliquia” ou mesmo um “fóssil vivo”.

Tendo isso em vista, o presente trabalho tem como objetivo analisar a representação da crença do mau-olhado no imaginário e na cultura popular da cidade de Imperatriz-MA, buscando identificar traços dessa crença no seio dessa sociedade. Para isso apresenta

uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo, adotando um procedimento descritivo e qualitativo, priorizando a obtenção e análise de material oral primário.

Desse modo, o trabalho busca identificar as ramificações e os aspectos que caracterizam a permanência dessa crença na sociedade imperatrizense, conscientizando o público em geral de que a crença do mau-olhado não é uma exclusividade de determinados extratos sociais, pois também podemos encontrá-la de forma genérica nos povos mais civilizados e, principalmente, nas grandes e médias cidades – como é o caso de Imperatriz, que constitui a segunda maior cidade do Maranhão em termos de desenvolvimento comercial e populacional.

2. A magia do mau-olhado: conceitos e definições

Segundo a crença popular, o mau-olhado constitui um malefício que produz diversos prejuízos (males) tanto físicos, como mentais ou mesmo materiais. Comumente, o mau-olhado é explicado basicamente através de sua relação com o sentimento de inveja, já que a palavra “inveja” vem do latim *in-videre*, que significa “ver mal, com maus olhos”.

O mau-olhado é concebido, em geral, de forma quase idêntica a uma doença contagiosa, podendo ser transmitida na relação de uma pessoa para outra, sendo que sua forma de contágio é simples: o mero olhar de uma pessoa invejosa é capaz de *lançar* nos demais as forças e fluidos caracterizados como o mau-olhado.

Tal crença é bastante antiga e disseminada, tendo sido assimilada na cultura ocidental por judeus, árabes e cristãos. A mesma também pode ser

identificada ao longo da história no território que se estende da Europa até a Índia, ao longo da costa atlântica pela Irlanda, Inglaterra, Escócia, Espanha, Portugal e França, inclusive para o norte até a Escandinávia, e pelo sul até o norte da África. Além disso, sugere-se a possibilidade de uma origem bem remota, já que essa crença existia no Egito antes mesmo da chegada dos semitas (hicsos), bem como no Paquistão antes da chegada dos povos indo-europeus (WEBSTER, 2008, p. 92).

De acordo com Hand (1992, p. 170), o núcleo desta superstição originou-se nos povos situados ao longo da costa do Mediterrâneo e o Egeu, na Índia, e nos países sul-americanos mais diretamente influenciados pela Península Ibérica.

Na atualidade, o mau-olhado é uma crença bastante difundida entre os indígenas da América Latina e Brasil e, além disso, alcança também a América do Norte, Austrália, e Nova Zelândia.

De acordo com Quinet (2002, p. 272), o mau-olhado, como manifestação cultural do poder mortífero do olhar, possui 7 (sete) traços comuns, presentes em diversos lugares do mundo há mais de 5.000 (cinco mil) anos:

- O olho tem o poder de atacar um objeto ou uma pessoa;
- O objeto atacado tem valor elevado e sua destruição, perda ou danificação acontece repentinamente;
- Aquele que lança um mau-olhado pode desconhecer o próprio poder;
- A vítima pode não ser capaz de identificar a origem do mau-olhado;
- O mau-olhado pode ser desviado ou seus efeitos atenuados, ou evitados, por meio de amuletos, dispositivos ou rituais mágicos;

- A crença no mau-olhado serve para explicar a doença, o fracasso ou a perda de bens preciosos (colheitas, animais, entre outros);
- A inveja é um fator que está sempre presente.

Na maior parte das vezes, considera-se a inveja, a cobiça e a vontade de possuir as posses de terceiros, mesmo não podendo, como a fonte deste mal. Nesse sentido, Quinet (2002, loc. cit.) atribui uma explicação sociocultural à crença no mau-olhado, ao fazer o seguinte comentário:

Sua explicação sociocultural é parte da constatação de que a crença no mau-olhado é encontrada em sociedades fundadas no patronato personalizado, considerado como o sistema baseado na proteção de um homem dada a outros homens de estado inferior. [...] Nessas sociedades há, portanto, por um lado, protecionismo e, por outro, ameaça real de confisco, de expropriação, de exação, de confisco súbito de bens de um indivíduo. Os exemplos estão nos grandes latifúndios: onde há máfia, banditismo ou impostos exagerados para uso da terra, lá se encontra a crença no mau-olhado.

Desse modo, pode-se dizer que o mau-olhado ganha terreno quando a sociedade produz bens dignos de serem invejados e quando esses bens se distribuem desigualmente em uma sociedade também desigual.

3. A sintomatologia do mau-olhado

Segundo a crença popular, de modo geral, o mau-olhar afeta principalmente os coletivos considerados como os mais indefesos e vulneráveis, tais como: lactantes, crianças pequenas, moças jovens, mulheres anciãs, embora o restante da população, composta por homens e mulheres de todas as idades,

também possam sofrer os efeitos desse malefício, sob a forma de enfermidade física.

O mau-olhado também pode afetar animais domésticos, vegetais e inclusive os negócios, cultivo, embarcações e qualquer objeto inanimado. Manifesta-se mediante enfermidades ou mortes repentinas de seres vivos, ou por meio de más colheitas, pesca escassa, incêndios, catástrofes naturais que afetam à família ou à fazenda, ou ainda mediante queda das vendas e nos preços, entre outras adversidades (QUINET, 2002, p. 276).

A pessoa acometida pelo mau-olhar, conforme se acredita, apresenta uma série de sintomas que caracterizam uma enfermidade. Ainda assim, a sintomatologia atribuída ao mau-olhar é bastante atípica. A maior parte dos sintomas se origina “sem causa aparente”, de forma repentina, fazendo com que o estado geral da pessoa decline, acarretando perda da vitalidade, falta de apetite, falta de energia, tristeza, cansaço, apatia, deixando de exercer suas atividades corriqueiras e, às vezes, apresentando transtornos do sono (op. cit.).

Excetuando os casos em que o relato de mau-olhado consiste em um boato inverídico e criação fictícia deliberada, existe uma tendência interpretativa constante, em que determinados fatos – como doenças e distúrbios comuns, apatias, problemas estomacais, danificação de objetos, morte de animais, murchamento de plantas ou mesmo impotência – são interpretados como resultados do mau-olhado.

4. Procedimentos utilizados contra o mau-olhado na cultura popular

Os esforços das diferentes culturas para se libertarem do mau-olhado originaram certas práticas mágicas e religiosas que

conseguiram sobreviver ao longo dos séculos, mas que em nossa civilização atual possui pouco de seu significado original.

Ortencio (1997, p. 214) destaca três elementos popularmente considerados capazes de afugentar o mau-olhado: plantas, benzeção e simpatia.

O primeiro elemento está relacionado ao aspecto de medicina popular, de herança indígena, em que o pajé indica determinadas plantas com poderes mágicos para confrontar as magias negativas. De acordo com o etnólogo Marcio de Souza Queiroz (apud QUINET, 2002, p. 276), o tratamento também pode ser feito com plantas cujos nomes evocam seus poderes mágicos: “comigo-ninguém-pode” e “espada-de-são-jorge”.

O segundo elemento relaciona-se ao aspecto religioso-cristão, sendo que o uso constante do número “três” revela um tipo de associação mágica, já que no imaginário católico popular, a repetição em número de três se encontra extremamente vinculada à neutralização de maldições, por evocar os poderes da Santíssima Trindade: “se for mau-olhado, nada melhor do que três Ave-Marias, rezadas enquanto se faz três cruzeiros com raminhos verdes” (ORTENCIO, 1997, p. 321).

O terceiro elemento está mais ligado à magia popular propriamente dita, bem como às práticas de feitiçaria – que por ter raízes “pagãs”, se defronta constantemente com a religião cristã oficial, a qual, por sua vez, ora a confronta, ora a assimila.

A simpatia pode ser realizada mediante determinados procedimentos mágicos, sendo estes procedimentos um elemento constante entre pessoas das mais diversas camadas sociais. O uso de amuletos e talismãs constitui um desses

procedimentos. Muitos dos desenhos que aparecem nesses objetos são derivados de iconografias ou símbolos populares, geralmente apresentando a imagem de um ou vários olhos.

Para neutralizar os efeitos do mau-olhado, esses objetos devem possuir entornos e peculiaridades que chamem a atenção do emissor do mau-olhado, para

que desvie seu olhar da vítima, para que assim o efeito seja nulo sobre a mesma. Por isso, na antiguidade, muitos objetos que possuíam formato ou desenhos fálicos eram usados para que influxos maléficos fossem inutilizados na medida em que escandalizem o emissor (ELWORTHY, 2003, p. 153).



Imagem fálica na cidade romana antiga de Pompéia e amuletos com a imagem de um olho: ambos utilizados contra o Mau-Olhado.
Fonte: ELWORTHY, 2003.

Do mesmo modo, um gesto ou uma fala obscena também podem ser utilizados de forma defensiva contra o mau-olhado.

No Brasil, usa-se um fio de linho, geralmente de cor vermelha (muito usada por meninos judeus) e fitinhas, também de cor vermelha, que as mães colocam nos braços de crianças e recém-nascidos.

Para que os amuletos contra mau-olhado funcionem, é necessário colocá-los em lugares bastante visíveis, sendo que, por esse motivo, a maior parte desses amuletos consiste em colares, cinturões, cordões, pulseiras e anéis, ou mesmo costuras em vestidos.

Em geral, se os primeiros passos (amuletos, rezas, plantas, etc.) não funcionarem e, passados uns dias, a

situação persistir, genericamente leva-se o doente ao santuário local especializado nestes problemas, para que possa ser benzido por um benzedor, o qual é geralmente representado por um ancião, por magos ou por curandeiros especializados. Geralmente, estes são do sexo feminino. Nesse momento, é aconselhado que sejam comprados escapulários ou imagens do santo protetor.

5. A crença no mau-olhado no imaginário social da cidade de Imperatriz (MA)

5.1. Aspectos da crença no mau-olhado na sociedade maranhense

De acordo com alguns estudiosos, a crença do mau-olhado no Brasil originou-se através do colono português que, entre os séculos XVI e XIX,

estabeleceu nessa terra sua moradia, impondo sua religiosidade e sua cultura. No entanto, foi a religião afro-brasileira que deu ao mau-olhado seus contornos finais e os modos de cura que ainda podem ser observados nas práticas de benção nos dias de hoje (Cf. VALENTE, 1979, p. 10).

Gilberto Freyre (2004, p. 407) descreve a importância e influência africana para a magia popular no Brasil colonial da seguinte forma:

Como em Portugal a bruxaria, a feitiçaria no Brasil, depois de dominada pelo negro, continuou a girar em torno do motivo amoroso, de interesse de geração e de fecundidade; a proteger a vida da mulher grávida e da criança ameaçada por tantos males – febres, câimbra de sangue, mordedura de cobra, espinhela caída, mau-olhado. A mulher grávida passou a ser profeticamente resguardada desses e de outros males por uma série de práticas em que as influências africanas misturaram-se, muitas vezes descaracterizados, traços de liturgia católica e sobrevivências de rituais indígenas [...] a feitiçaria de direta origem africana aqui desenvolveu-se em lastro europeu. Sobre abusões e crenças medievais.

O Maranhão, por sua vez, é um dos estados brasileiros que mais apresenta um elevado número de descendentes de africanos entre sua população, sendo assim marcado pelo elemento mágico em sua cultura popular. De acordo com Ferretti (op. cit., p. 8 [online]):

Como o “mau olhado” e o malefício ocorrem muito freqüentemente, o povo do Maranhão costuma proteger suas casas, estabelecimentos comerciais, barcos, carroças, caminhões e, muitas vezes, o seu próprio corpo com banhos de ervas, figas e plantas (como pião roxo, comigo-

ninguém-pode e outras). Muitas pessoas de terreiro cultivam ainda plantas que, quando “preparadas” (regadas com água de carne etc.), avisam quando está se aproximando uma pessoa perigosa, emitindo sons ou dando outros sinais.

Desde cedo, diversos maranhenses – sejam eles de qualquer religião e/ou etnia – vem recorrendo aos trabalhos de benzedeiras e de pais e mães-de-santo para afastarem o mau-olhado de suas crianças. Os próprios santos da Igreja Católica, como São Jorge, Santa Luzia, etc., são utilizados, de forma sincrética, como agentes de proteção contra o mau-olhado a pedido de pais e mães-de-santo.

5.2. Apresentação e análise da pesquisa de campo

A cidade de Imperatriz-MA é considerada a segunda maior cidade do Maranhão. No entanto, constitui uma cidade subdesenvolvida, de médio-porte e bastante ligada culturalmente com aspectos da vida rural e religiosa, seja católica ou africana. Nesse sentido, ainda se pode perceber em sua cultura a presença constante da crença no mau-olhado, seja nas narrativas populares, no discurso religioso católico e protestante ou por famílias que moram nas áreas rurais e periféricas dos bairros ao redor da rodovia BR-010.

Por isso, a cidade de Imperatriz-MA se apresenta como um terreno fértil para o desenvolvimento de uma pesquisa que vise determinar seu perfil cultural, principalmente seu rico imaginário que ainda é ignorado ou esquecido pelos pesquisadores acadêmicos da cidade.

Com o objetivo de analisar a crença no “mau-olhado” no imaginário social da cidade de Imperatriz-MA, a pesquisa de campo foi realizada através entrevista oral, obtida mediante gravação em áudio de falas e narrativas e de

fotografias digitalizadas, realizada no período que se estende entre os meses de julho e novembro de 2009 com diversos indivíduos das mais variadas partes, classes sociais e idades da cidade de Imperatriz-MA.

A pesquisa foi enriquecida mediante imagens de produtos relacionados ao mau-olhado comercializados no “Bazar São Cipriano”, uma loja de produtos relacionados à religiosidade africana e popular, localizada entre as ruas Ceará e Benedito Leite, no centro da cidade.

Como indício não somente da existência, mas também da predominância dessa crença na cidade, a pesquisa realizada no Bazar São Cipriano revelou que a procura de produtos relacionados ao mau-olhado no comércio de Imperatriz é grande. De acordo com a entrevista concedida por “Fernando”, um dos proprietários do Bazar São Cipriano, “mais ou menos 70% [dos produtos] do que o ‘pessoal’ compra aqui é pra ‘olho-grande’, ‘quebra-inveja’, pra tirar ‘mau-olhado’”.



Produtos relacionados ao Mau-Olhado comercializados no Bazar São Cipriano em Imperatriz.

Fonte: Pesquisa de campo

Fernando também comenta que todos os produtos da prateleira relacionados ao mau-olhado são vendidos em apenas uma semana:

“Produto pra mau-olhado vende muito... temos em media 6 produtos diferentes pra mau-olhado... geralmente, uns 120 [unidades] na prateleira... toda semana os 120 são

vendidos... é muito grande a procura por [produtos relacionados ao] mau-olhado... a gente tem muito no estoque, porque vende muito... O lucro mensal... é excelente!”.

Os compradores de produtos relacionados ao mau-olhado pertencem a toda classe social e religião: “Toda

classe vem comprar, classe alta, classe média, cristã, sem ser cristã... católico... evangélico já veio... entre católicos evangélicos a quantidade varia... os evangélicos compram produto pra chamar freguês, pra olho-grande também...”.

A crença do mal-olhado geralmente traz consigo a estigmatização de determinado indivíduo dentro de uma sociedade local. Em entrevista concedida a presente pesquisa, dona Raimunda, vendedora, de 44 anos de idade, com nível de Ensino Médio, apresenta um relato de seu próprio contexto cotidiano, em que narra um fato ocorrido sobre uma mulher bastante temida por ser conhecida como uma emissora de mau-olhado: “a nora da Dona Sinharinha... chegou numa casa, pediu as pimentas, foi tirar as pimentas, a mulher [dona das pimentas] deixou ela tirar as pimentas, e quando ela foi embora os pés da pimenta murchou... o pé de pimenta murchou e morreu tudinho”. Deve-se notar que, nesse caso, não somente o olhar, mas o toque foi o elemento que ocasionou o processo de secagem da pimenta.

Dona Raimunda também comenta que: “e também os bebês... quando nasce uma criança, e ela quer ver, ninguém deixa... quando ela olha as crianças adoecem... ela tem ‘olho-ruim’, ‘mau-olhado’”. Esse relato deixa evidente o grau de difusão da crença na cidade de que os bebês podem ser as maiores vítimas do mau-olhado.

Já Cledson, universitário, 26 anos e residente do centro da cidade, relata um caso de mau-olhado relacionado a um emissor (uma pessoa também conhecida pelo próprio pesquisador), caso este em que foi testemunha ocular:

A dona ‘França’ tem mau-olhado... ela um dia chegou lá em casa dizendo que queria apanhar uma

pimenta no pé-de-pimenta que a gente tinha, pra ela fazer o almoço... mas aí eu ouvi minha mãe dizendo: ‘Deixa, que eu mesma pego’. Mas a dona ‘França’ já tinha pegado... no outro dia, as pimentas secaram todinhas... não ficou uma sequer!.

A crença do mal-olhado não se relaciona apenas a plantas e objetos inanimados, mas principalmente a crianças pequenas, as quais, conforme se acredita, são vítimas da inveja de diversas pessoas. Assim, para neutralizar essas forças, usam-se materiais tais como fitas vermelhas, sendo que a presença desses objetos são comuns entre a população da cidade. Nesse sentido, Fernando, filho do dono do Bazar São Cipriano, comenta que fitinhas colocadas no braço da criança podem afastar o mau-olhado:

O ‘pessoal’ são encabulado demais com o “olho-grande”. Geralmente, olho-grande só é pra recém-nascido, pra criança... muitas vezes quando a pessoa bota olho-grande na criança ela pega “quebrante”... e por isso as pessoas usam aquela fita vermelhazinha, que é pra tirar “mau-olhado” também das pessoas... [...] os pais hoje em dia botam a fitazinha pra proteger os próprios filhos de olho-grande do pessoal... [...] O filho do meu irmão [por exemplo]... o pessoal colocava quebrante nele e ele só vivia adoecendo, depois que colocou a fita nele, não adoeceu mais.

Existem casos também em que o mau-olhado exerce influência mortal, e que a única forma de deter essa influência é através de práticas e objetos capazes de neutralizar seus efeitos.

Sobre esse tópico, Janilde, 26 anos, escolaridade nível Ensino Médio, e que mora e trabalha numa loja de confecções no centro da cidade, relata um caso familiar em que, por causa da

ausência de uma pulseira contra mau-olhado, o quebranto ocasionou a morte da criança:

Porque minha vó só teve um minino, né? e esse minino era muito bonito, muito muito mesmo, aí todo mundo ficava admirado com ele, né? a beleza dele... aí foi um tempo, eu não sei se ele tinha mão (?), aí o bichinho adoeceu, né? [...] ninguém sabia o que ele tinha, aí o bichinho foi e morreu, aí antes dele morrer ele tinha uma pulseirinha na mão. Todo mundo procurou essa pulseirinha e nunca achava né? essa pulseirinha... só foi achada atrás da porta depois que ele tinha morrido.... [...] tipo assim, por ele ser bonitinho, mas as pessoas ficavam admirando ele, entendeu? Muitas pessoas admiravam ele... mas tinha uma mulher também lá que ficava só, ah, admirada com a beleza dele...

Nesse caso, a intensa admiração coletiva resultou em morte, deixando evidente que o mal-olhar pode ser ocasionado pela admiração, tal como acontece com o “quebranto” (daí a associação entre mau-olhado e quebranto).

A narrativa exposta também deixa subentendido que a pulseira, por sua vez, poderia ter salvado a criança, mas que não o fez porque havia sido retirada (por quem? ou por que? deliberada ou casualmente?).

Deve-se ressaltar também que, na maior parte dos casos, o narrador parece conhecer, ainda que de forma distante, a pessoa que emite o mau-olhado, e que a antipatia pode ser uma das causas da atribuição do mau-olhado a essas pessoas em especial.

6. Conclusão

Não obstante as diversas limitações existentes na presente pesquisa, as entrevistas apresentadas proporcionaram alguns apontamentos de suma importância. Pôde-se constatar que a crença do mau-olhado existe, persiste e que é amplamente disseminada no âmbito do imaginário social da cidade de Imperatriz-MA, uma cidade em desenvolvimento, mas que apresenta uma rica mistura de elementos de diversas culturas e religiões.

Além disso, todas as narrativas analisadas proporcionam para essa crença um modelo explicativo bem definido, bem como certo grau de complexidade. Deve-se observar que, apesar da falta de relação existente entre os entrevistados, o núcleo dessa crença, bem como suas principais características, não varia de forma considerável.

Do mesmo modo, deve-se enfatizar que uma das características mais marcantes acerca de tais narrativas é a proximidade das experiências vinculadas a essa crença no cotidiano e na vida familiar do narrador, fazendo do mau-olhado uma crença bastante presente na vida dos entrevistados.

Além do fato das narrativas sobre o mau-olhado apresentarem com regularidade os mesmos temas, pode-se perceber a enorme influência que a crença na existência de indivíduos capazes de causar o mal apenas com o olhar exerce sobre a vida de cada indivíduo ou família na realidade social das pessoas entrevistadas.

Igualmente, pôde-se constatar mediante a pesquisa que essa crença também constitui uma força cultural bastante ativa e viva, exercendo importantes funções dentro da sociedade, seja no

âmbito mágico-religioso, baseado no envolvimento com o sobrenatural, com o maravilhoso e ao mesmo tempo com o demoníaco e destruidor; seja no âmbito moral-ideológico, unindo famílias para a proteção da mesma – principalmente os mais indefesos e vulneráveis – de ‘maus’ indivíduos que trazem o “mau” consigo; seja no âmbito social, contribuindo para fomentar a identidade e os costumes de uma sociedade heterogênea e em crescente processo de desenvolvimento social, econômico e cultural.

Por isso, é imprescindível ressaltar que a crença no mau-olhado se destaca diante de outras formas de manifestação mágica, pois além de caracterizar um fenômeno bastante difundido, também se apresenta com muita frequência em toda a vida cotidiana, mantendo assim uma capacidade rara de permanecer atualizada e com vigor mesmo diante dos avançados sistemas sócio-culturais dos dias de hoje.

Enfim, esperamos com esse trabalho contribuir para uma maior compreensão acerca do imaginário coletivo existente entre os habitantes da cidade, bem como para um maior entendimento sobre as ramificações dessa crença no interior do Estado do Maranhão.

Referências

ARAÚJO, Janilde Moraes de. **Depoimento oral**. Imperatriz-MA: 03 de julho de 2009. Entrevista concedida a F. C. Vieira Lima Júnior.

CLEDSON. **Depoimento oral**. Imperatriz-MA: 24 de setembro de 2009. Entrevista concedida a F. C. Vieira Lima Júnior.

ELWORTHY, Frederick Thomas. **Evil Eye: the classic account of an ancient superstition**. New York: Dover Publications, 2004.

FERNANDO. **Depoimento oral**. Imperatriz-MA: 15 de agosto de 2009. Entrevista concedida a F. C. Vieira Lima Júnior.

FERRETTI, Mundicarmo. **Mau Olhado e Malefício no Tambor de Mina**. Comissão Maranhense de Folclore. Boletim On-Line nº. 16, ago, 2000. Disponível em: < <http://www.cmfolclore.ufma.br/x/boletim16.pdf> > Acesso em 14 mai 2009.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala: a formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 49.ed. São Paulo: Global, 2004.

HAND, Wayland D. **The Evil Eye in Its Folk Medical Aspects: A Survey of North America**. In: DUNDES, Alan. (org.) **The Evil Eye: A casebook**. Madison: University of Wisconsin Press, 1992.

ORTENCIO, Bariani. **Medicina popular do Centro-Oeste**. 2.ed. Brasília: Thesaurus, 1997, p. 214.

QUINET, Antônio. **Um olhar a mais: ver e ser visto na Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

SILVA, Raimunda Ramos da. **Depoimento oral**. Imperatriz-MA: 29 de novembro de 2009. Entrevista concedida a F. C. Vieira Lima Júnior.

VALENTE, Waldemar. **Folclore brasileiro: Pernambuco**. Rio de Janeiro: MEC/FUNARTE, 1979.

WEBSTER, Richard. **The encyclopedia of superstitions**. St Paul, MN: Llewellyn Publications, 2008.